

****Capítulo Reescrito**** No 36º andar do Edifício Osborne, dentro de um laboratório de pesquisa genética de insetos que valia bilhões de dólares, Ryan vestia um jaleco branco impecável, mantendo-se ereto como um poste diante de um enorme simulador ambiental. A caixa de vidro, feita de material super-resistente, aguentava altas temperaturas, frio extremo, corrosão e até impactos brutais. Originalmente projetado para simular o habitat de lagartos tropicais, o simulador teve 80% de seu espaço reformado. Agora, o ambiente era dividido em cinco áreas distintas, cada uma representando um elemento da natureza: — Uma zona repleta de rochas minerais geladas, onde centopeias douradas devoravam insetos metálicos e venenosos. — Uma floresta tropical com tempestades elétricas, habitada por lagartos verdes que absorviam toxinas da vegetação. — Um pântano nebuloso, onde sombras de serpentes negras caçavam criaturas aquáticas venenosas. — Uma área vulcânica escaldante, dominada por escorpiões vermelhos. — E, por fim, um planalto rochoso, onde sapos de jade se moviam rapidamente. O simulador da Osborne, construído com tecnologia de ponta, havia recriado perfeitamente os cinco ambientes em menos de duas semanas. Além disso, graças aos estudos deixados pelo Dr. Connors, muitas das criaturas criadas no laboratório já nasciam com mutações. Ao introduzir esses insetos mutantes nos ambientes controlados, Ryan acelerou o desenvolvimento das cinco criaturas venenosas que havia levado mais de um ano para criar: a centopeia dourada, o lagarto verde, a serpente negra, o escorpião vermelho e o sapo de jade. E, com a adição de seu próprio sangue, carregado de energia espiritual, essas criaturas evoluíam rapidamente. Em breve, se tornariam **espíritos-insetos**, capazes de gerar energia elemental. No entanto, Ryan sabia que, para atingir o próximo nível, precisaria de uma quantidade absurda de recursos. Nem mesmo Norman Osborn toleraria que ele monopolizasse o laboratório indefinidamente. Enquanto observava o crescimento acelerado dos insetos, Ryan ponderava como tomar o controle da Osborne Group. --- Enquanto isso, no Edifício Tridente, a S.H.I.E.L.D. Nick Fury, envolto em seu casaco preto, ouvia atentamente os relatos de Coulson e da agente Hill. — Família Sentner, ghouls, Frank e um esqueleto que se transforma em névoa negra. Então, o que aconteceu com os Sentner foi apenas a família Sullivan limpando a casa, certo? — disse Fury, com seu olhar penetrante. Coulson, sempre calmo, confirmou: — Sim, chefe. Segundo nossas informações, Frank se juntou aos Sullivan há uma semana e agora comanda a segurança do Hospital do Conselho. Ele recrutou vários ex-colegas e formou uma equipe de ação. A análise do departamento de inteligência sugere que os Sullivan estão se preparando para expandir seu território. Hill, com expressão dura, interveio: — Diretor, devemos agir contra os Sullivan? — Não — respondeu Fury, cortando-a. — Nossa missão é controlar eventos sobrenaturais, não brigas de gangues. Além disso, os irlandeses e os russos já estão de olho neles. Alguém fará o trabalho sujo por nós. Hill ainda parecia relutante. Afinal, os relatórios mostravam que o esqueleto controlado por Frank havia aniquilado dezenas de ghouls sem dificuldade. Se a S.H.I.E.L.D. conseguisse essa tecnologia, sua força aumentaria consideravelmente. Fury, percebendo sua hesitação, sorriu. — Agente Hill, o submundo tem seu lugar. Se pressionarmos demais, só criaremos problemas. Além disso, o Gavião Arqueiro informou que a Viúva Negra está interessada em se juntar a nós. Que tal testarmos suas habilidades com os Sullivan? No fim das contas, Ryan Sullivan é só um chefe de gangue. --- No mesmo momento, no Edifício Fisk, no coração do Hell's Kitchen. Kingpin, com sua massa imponente, ocupava a cadeira atrás da mesa. Atrás dele, um homem albino de traços marcantes permanecia imóvel. Próximo dali, um brutamontes com um alvo tatuado na testa brincava com uma bola de tênis. No canto, um homem vestido com um traje de escorpião parecia adormecido. Enquanto isso, um executivo bem-vestido fazia seu relatório. Quando terminou, Kingpin ergueu seu bastão e falou com voz grave: — O que aconteceu com os Sentner não é da nossa conta. Os Sullivan tinham seus motivos. Mas avise aos irlandeses: os dois bilhões que me devem não podem atrasar. Se eles quiserem brigar com os Sullivan, problema deles. ****Capítulo 22 - Os Vampiros da Gangue Irlandesa e o Plano Contra Rei do Crime**** — Os irlandeses podem fazer suas tramoias, mas mantenham aqueles vampiros sob controle — disse uma voz fria. — Além disso, Sr. Max, minha paciência tem limite. Não podemos mais adiar o projeto do acelerador de partículas. Caso contrário... — Ninguém fica com o meu dinheiro sem entregar resultados! — A pesquisa sobre

viagens para universos paralelos não pode ficar só no papel. Quero testes em humanos o mais rápido possível. — Às vezes, sacrifícios precisam ser feitos! Tanto a SHIELD quanto o Rei do Crime, Wilson Fisk, subestimavam a família Sullivan, de Ryan. Mesmo quando o clã Sentai foi completamente destruído, mal chamou atenção. Mas, para Ryan, pouco importava se a SHIELD ou Fisk o desprezavam. Com a criação dos *Insetos Elementais* na Oscorp finalmente em ordem, Ryan não precisou mais ficar preso ao laboratório. Em duas semanas, além de aperfeiçoar suas criações, ele estudou minuciosamente as pesquisas do Dr. Curt Connors. Era impressionante. O trabalho do cientista estava avançadíssimo. Combinado com as *Fórmulas de Decaimento* que Frank conseguira numa estação abandonada, tanto o *Soro-Aranha* quanto o *Soro do Lagarto* tinham potencial revolucionário. Mas, em ambos os casos, era necessário um ajuste genético meticuloso antes do uso. Casos como o da Gwen, que virou uma *Mulher-Aranha* perfeita com uma simples picada, eram raríssimos — bilhões contra um. Normalmente, criar um super-soldado exigia triagem genética, produção de um vetor viral, soro específico e, só então, os testes. Mesmo assim, a taxa de sucesso não passava de 70%. Cada sujeito de teste e cada dose de soro custavam milhões. Para Ryan, isso era irrelevante — um esforço enorme por um retorno insignificante. Mas, se o objetivo fosse montar um exército de elite... aí sim, valia a pena. Só que produzir soros era trabalhoso demais, e Ryan não queria perder tempo com isso. Dentro de um carro luxuoso, Ryan olhou para Frank ao volante e comentou: — Frank, você anda sumido ultimamente. O esquadrão de operações tá pronto? Frank não virou o rosto, mantendo os olhos na estrada: — Sim, chefe. Pode acioná-los quando quiser. Quer fazer uma inspeção? — Não precisa. Se você acha que tá tudo certo, confio. Agora, vamos visitar o Dr. Connors. Ele é talentoso e merece uma visita pessoal. Frank hesitou: — Chefe... talvez seja melhor esperar um pouco. A situação tá meio quente agora. A relutância de Frank chamou a atenção de Ryan. O ex-militar era orgulhoso, um dos melhores combatentes solo do mundo, e nunca tinha demonstrado receio antes. Se ele estava cauteloso agora, algo sério estava rolando. Ryan inclinou a cabeça: — Frank, me explica o que tá acontecendo. — É a Gangue Irlandesa e os russos — respondeu Frank, tenso. Ryan ficou quieto, mas o ar ao seu redor ficou mais pesado. Frank continuou, sob pressão: — Os irlandeses trouxeram uns monstros do submundo... tipo vampiros, das lendas. Eles já mexeram com alguns dos nossos negócios. — E os russos? — Parece que os irlandeses os convenceram a soltar um assassino famoso... o *Caçador Noturno*. Ryan ergueu uma sobrancelha: — Por causa daquele carregamento de dois milhões? Frank balançou a cabeça: — Não. Eles querem o 13º lugar no submundo de Nova York. A Gangue Irlandesa era capacho do Rei do Crime. Nos últimos anos, cresceram rápido e agora queriam substituir os Sullivan entre os grandes nomes do crime organizado. Depois de um breve silêncio, Ryan riu. — Esses selvagens e eu temos algo em comum, então. Esses vampiros... você não dá conta? — Com as *Esferas Ósseas* que o senhor nos deu, defender é fácil. Mas os vampiros são sorrateiros e numerosos... e o Caçador Noturno dos russos é um problema sério.